



A _ M _ B _ I _ Ç _ Ã _ O
== == == ==

COMEDIA EM 3 ACTOS E 4 QUADROS

DE

ARMANDO VIEIRA PINTO

P E R S O N A G E N S

O DIABO

MARGARIDA

A VELHA TI'JOANA

O ANJO (depois, RAPARIGA)

MANUEL

SILVEIRA

UM CRIADO

+++ oOo +++

UMA ALDEIA, SEM LOCAL NEM EPOCA DEFINIDA.

I ACTO

O terreiro empedrado que no Minho se chama "eira" A' E. a casa, térrea mas limpa e caiada de branco. Duas janelas e uma porta. Aquelas são de guilhotina e pintadas de verde. No peitoril, velhas caixas de sabão plantadas de craveiros. Esta é de madeira macissa, também pintada de verde e bi-partida; a parte superior está aberta; a de baixo fechada. Encostado à casa, um banco rudimentar forrado de pedra de granito assente em dois pedregulhos toscos. A' D. um espigueiro, construído em vigas de madeira, pintado de vermelhão e também assente em altos esteios de granito. Ao F. um muro baixo, esbarrondado, construído em pedra solta. Aí uma cancela rústica, também pintada de vermelhão. Para lá desse muro, o caminho. Rompimentos praticáveis à D. e E.B.. É por volta do meio-dia, em Agosto. Sol.

+++++

+

O pano sobe e a cena fica encoberta por uma cortina ilustrada com várias fases da velha história da galinha que punha os ovos de ouro, e assim decorre um tempo. Depois, um velho enteabre a cortina, passa a cabeça e espreita para todos os lados. Após, entra em cena, pé-ante-pé, com ar espertalhão. Olha longamente o público, depois solta uma gargalhada estridente e quebradiça.

+++++

+

O VELHO

Uh! uh! uh! uh! uh! uh! uh! (este velho traz na cabeça, bem enterrado, um velho chapéu de palha e pelos ombros uma caróça, espécie de capa feita com palha de trigo ou de centeio. Quando fala com o público, o seu jogo é o mais exagerado possível. Não se trata de um personagem real, mas de uma encarnação do Diabo, como ele próprio o diz. Por isso, representará com saltos e esgares, ora falando em voz de cana rachada, ora em voz soturna e profunda; todo o seu jogo de cena será, portanto, ausente de realidade, fantástico e jogralêsco. Passeou na cena olhando o público, e volta a rir)

O VELHO

Ih! ih! ih! ih! ih! ih! ih!
Que rôr de gente está aqui: (Bisbilhoteiro)
Sabei por môr de mim! (Pausa)
Eu conheço as vossas vidas
E muito nos vamos rir... (curvado segredando)
Não há coisas escondidas
Que eu não possa descobrir! (aponta um garoto)
Olha, aquêê é mentiroso,
Trapaceiro e aldrabão! (lento)
Vai às peras do vizinho... (rápido)
E diz que estavam no chão! (pausa)
Por dizeres mentiras tantas... (bate no peito)
Já cá cantas! Já cá cantas! (dois passos. Aponta um homem)
E tu? és zaragateiro!
Andas sempre a armar questões (esganiçado)
Tens uma boca danada!
Só dizes é palavrões! (pausa)
Continua que me encantas!
Já cá cantas! Já cá cantas. (novo passeio, aponta uma mulher)
Olha para a cara daquela
Que parece uma santinha! (dá um salto grotesco e solta um grito como se o tivesse picado algum lacrau)
Ui! (segredando) Passa os dias à janela,
A espreitar a vizinha! (pausa) - (rápido)
P'ra levar e p'ra trazer
Tens sempre tempo de sobra! (pausa)
Tens manhas que nem raposa,
Mais peçonhas que uma cobra!
Pois de armares intrigas tantas
Já cá cantas! Já cá cantas! (Passeia de novo silencioso, de repente estaca e, à queima roupa)
Quem sou eu? Quem é que eu sou?
Qual de vós será capaz,
De matar esta charada?
Digam: quem é o rapaz? (aponta)
Olhem que cara pasmada! (trocista)
Quem sou eu? Quem é que o diz?
Alguma alma penada?
Serei eu moura encantada,

Que anda a cumprir o seu fado? (pausa)
Então ninguém adivinha?
Nem esta ciência minha,
Que tudo tem desvendado,
E tudo vê e tudo pode,
Vos ensina quem eu sou? (arranca o chapéu e aponta os chifres)
Tenho cornichos de bode! (deixa cair a caroca)
Tenho rabo de lacrau!
Sei quem é bom, quem é mau,
Quem fala da vida alheia
E quem mata, quem esfola...
Conheço o rico avarento,
O pobre que pede esmola,
E o pobre que faz de rico... (pausa)
Serei eu o piolhento?
O danado? O Mafarrico? (Rápido)
Sabes tu? Ou tu? Ou tu? (Imponente)
Sim, sr., sou Belzebut. (Pausa. diabólico)
Fui eu quem te fiz mentir,
E a ti, coscuvilhar,
E àquele, desobedecer
E ao outro praguejar... (pausa) ^X(A cortina abre lentamente)
Sabes o que vim fazer? (pausa - íntimo)
Estou aqui para trabalhar... (aponta a casa e a horta)
Nesta casa vive um homem
Que nem quer nada comigo!
É bom, honesto, trabalha,
Nunca roubou uma palha,
É o meu pior inimigo!
Diz que lhe chega o que tem,
E mais do que isso não quer...
Não bebe! Nunca pragueja
Ao domingo, vai à Igreja,
E nem bate na mulher! (transição)
Mas agora, com certeza
Tudo isso vai mudar...
A paciência tudo alcança! (manhoso)
Tentando-o com a riqueza
Talvez o possa apanhar...
Começo a ter certa esperança...

